

A (RE)CRIAÇÃO DA INFÂNCIA: IMAGINAÇÃO, MEMÓRIA E POESIA EM MANOEL DE BARROS

Cleide Alves Queiroz – UFPE/PROEXT
José Eduardo Gonçalves dos Santos – UFPE/CNPq
Cristina Lúcia de Almeida – UFPE/CE-CAP

Resumo: O presente trabalho, fruto de uma pesquisa em andamento – no âmbito do projeto de pesquisa e extensão “Laboratório de práticas de pesquisa e Leitura da Comunidade de Roda de Fogo” –, tem por objetivo propor uma discussão acerca de metodologias para o ensino de literatura com ênfase na infância do autor, tomando como objeto de estudo o poema “Menino do Mato” (BARROS, 2010), que explica de modo singelo o que é ser uma criança em terras desabitadas por coisas “grandes”; e o documentário “Só dez por cento é mentira” (CEZAR, 2008) que, de maneira poética e lúdica, se presa a fazer uma (anti)biografia da vida do autor. Entre os dois trabalhos de linguagem, portanto, tentaremos ir à busca de como Manoel de Barros trabalha a memória, recriando o passado de modo a ser a infância tantas vezes mencionada.

INTRODUÇÃO

*Eu queria usar palavras de ave para escrever.
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem
nomeação.*

Menino do mato – Manoel de Barros.

O que existe, pois, de semelhante entre o uso da palavra em Manoel de Barros e o uso que as crianças, em suas línguas particulares, fazem? Este e aquelas, em uma experimentação sensível e de descoberta, criam seu próprio espaço em linguagem: vivem todos em linguagem. Barros, com a consciência típica da *artesanía*, captou que no universo infantil existe uma manifestação poética que subjaz à existência, uma imaginação lúdica que permite o espaço criativo. O gorjeio das aves, muito imitado pelo balbuciar das crianças em suas primeiras falas, é para ele o ideal de poesia, a composição poética do sensível: do catar no chão. À busca de dar a ler a poesia de Barros a um público que recém saiu desse espaço de experiência com a palavra, propomos este trabalho. Assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir uma experiência didática de formação do leitor de Literatura na educação básica. Compreendemos aqui a leitura como uma prática interativo-social com grande potencial

para compreensão e interpretação de textos e, sobretudo, de mundo, bem como uma prática inclusiva. Assim, destacamos nossa posição acerca da formação do leitor do texto literário com vistas à construção da autonomia na concepção de valores sociais e estéticos.

Logo, partindo do contexto da Sala de Leitura de Roda de Fogo, uma ação mobilizada pelo “Laboratório de Pesquisa e Prática de Leitura da Comunidade de Roda de Fogo”, objetivamos propor uma atividade que possa ser apresentada a crianças e jovens de qualquer espaço outro, sem – inicialmente – uma preocupação com a faixa etária estabelecida, fazendo emergir uma proposta de troca entre o leitor e o texto literário: um encontro desse com aquele, na esquina do verso. Por assim dizer, esclarecemos que o projeto ‘Laboratório de pesquisas e práticas de leitura’ articula-se à política extensionista da UFPE, associando-se às duas grandes áreas temáticas, UFPE & Educação Inclusiva e UFPE & Políticas Culturais, principalmente no que diz respeito à formação continuada de leitores da comunidade de Roda de Fogo e Engenho do meio, qualificando crianças e jovens e reafirmando seu direito à cultura. O Projeto de pesquisa e extensão está voltado para a motivação da leitura entre os alunos da Rede Pública de Ensino, suprimindo lacunas da educação gratuita. Trata-se de uma ação que envolve o trabalho com a leitura literária de cunho crítico e a produção de textos. Para tal, serão oferecidas aos frequentadores do espaço oficinas pedagógicas de leitura e produção de textos literários. Nesta conjuntura, parte a ação que será exposta e ampliada nos tópicos a seguir.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para este trabalho, aportamo-nos, teoricamente, na concepção que vai entender a mediação da leitura literária enquanto sedução, o lugar da conquista e da troca, de modo que um leitor – em linhas intersubjetivas – encontra no outro a ampliação de seu repertório de leitura. Nesse caminho, compreendemos que

a linguagem não é só meio de sedução, **é o próprio lugar da sedução**. Nela, o processo de sedução tem seu começo, meio e fim. As línguas estão carregadas de amálios, de filtros amatórios, que não dependem nem mesmo de uma intenção sedutora do emissor. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 13, grifos nossos).

Para a ação que ora apresentamos, ou qualquer outra que tenha como espaço a Sala de leitura, os filtros amatórios da linguagem são descobertos e trabalhados, a fim de fazer de nossos frequentadores leitores por vir. Assim, neste espaço, pretendemos mobilizar memórias afetivas dos envolvidos na situação sócio-interativa, a fim de observar o processo de construção poética – por meio do *corpus* analisado – envolvendo-os em uma situação de busca da compreensão da infância do autor, Manoel de Barros, bem como de suas próprias infâncias. Justificando-se por trabalhar a literatura, em seu caráter revelador, possibilitando o contato de leitores por vir com um texto de alta qualidade estética, de modo a partir dele para outras linguagens artísticas e enveredando pelo caminho ético da obra.

Ainda no caminho do encontro teórico, aportamos nas concepções de PERRONE-MOISÉS (1999), acerca da formação do leitor do texto literário com vistas à construção da autonomia na concepção de valores sociais e estéticos, bem como nas concepções de Paz (2011) acerca do caráter transartístico da poesia, habitando essa em variadas linguagens literárias. Para o trabalho com o poema, especificamente, vamos tocar em Pinheiro (2007) e Gebara (2012), ambos autores com obras que versam o lugar do poema na escola/sala de aula, com alguma repercussão para além desses espaços. Para Paz (2011, pag. 22) “a poesia se polariza, congrega e isola em um produto humano: quadro, canção, tragédia”, uma vez que traz em si aspectos de unidade social. Além de tais concepções, utilizaremos Cândido (2000), para quem deva ser a **leitura literária** compreendida em **seu poder humanizador**; e Ivanda Martins, para quem as **Teorias da Literatura e a Crítica Literária** têm uma obrigação necessária para com o **ensino**.

ANÁLISE DOS DADOS: PROPOSTA DE TRABALHO

[...] analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo e metros e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. – Otávio Paz – O arco e a lira.

Assim como o caracol respira através de um só pulmão e se adapta facilmente em diversos ambientes, os poemas de Manoel de Barros respiram a linguagem poética e são suscetíveis a digestão por pessoas de todas as idades. Seu corpo linguagem é rico do mais puro prazer de brincar, desconstruir e, principalmente, valorizar as sensações e objetos simples, configurando a ele um gênio linguístico arraigado de liberdade lúdica. Dizer que a poesia de Manoel é para crianças seria reduzi-la a uma não complexidade,

no entanto, digerir seus poemas nos proporciona diversos prazeres, tendo em vista suas ricas metáforas e seus neologismos, o que não nega que, ao trazer para a poesia sensações e a visão da criança, denota a sua obra uma ampla leitura e um retorno à infância. O caminho trilhado por Manoel nos possibilita afirmar, então, que o mesmo brincou com a linguagem como as crianças brincam com seus brinquedos, proporcionando uma identificação, afirmada por ele no documentário *Só dez por cento é mentira* (CEZAR, 2008), no qual nos deparamos com um poeta que se diz criança por arraigar a sua matéria-prima, a palavra, uma transfiguração da realidade típicas do imaginário infantil.

Assim, embasados nas teorias anteriormente discutidas, traçamos um caminho a ser seguido em que, a proposta por nós apresentada, levasse em consideração as questões estéticas do fazer poético de Manoel de Barros e que atentasse também a criação do imaginário do ser criança, presente em seus poemas. Para tanto, com base no poema narrativo *Menino do mato* (BARROS, 2010) e no documentário *Só dez por cento é mentira* (CEZAR, 2008), propomos uma mediação para o público com idade média de 14 anos que, por vezes, visitam o espaço da *Sala de leitura*, no entanto, essa proposta poderá ser executada por professores em suas salas de aula. Metodologicamente, o trabalho se organiza: 1 – com a apresentação da obra ao público envolvido; 2 – breve discussão acerca da representação da infância e do lugar do texto para o resgate desse momento; 3 – apresentação do documentário e sua relação com a obra; 4 – discussão com foco na relação do documentário com o texto literário; 5 – socialização das impressões da infância, sistematizadas em um breve texto coletivo sobre “O ser criança nos dias de hoje”. A metodologia pensada procurou levar em consideração o público alvo e o espaço por nós utilizado, *Sala de leitura*, que, apesar de não ter uma preocupação pedagógica, no sentido do espaço escolar, busca atentar à ampliação do repertório literário dos participantes por meio de estratégias de leituras. Desse modo, a proposta por nós sugerida, poderia ser executada por um professor de Língua Portuguesa que tem a preocupação em reservar um espaço para o texto literário em sala de aula. No espaço da Sala de leitura, essa mediação teria um tempo médio de 2 horas e meia, mas para um professor do ensino básico, seria necessário dispor entre três e quatro aulas para a execução, sempre levando em consideração seu público leitor.

No momento de apresentação do poema *Menino do mato*, propomos que ele seja lido na íntegra, pois daria aos participantes da mediação uma visão completa do poema

que será trabalhado. Nesse ponto, faz-se necessário induzir os alunos a uma observação estética do texto, levando-os a refletir sobre como o autor constrói as metáforas presentes no poema, buscando com eles possíveis leituras delas e falando sobre os neologismos apresentado pelo autor. A indução poderia partir de uma releitura de alguns trechos ricos em metáforas como os versos iniciais em que o autor, apesar de trazer a “descrição” do local onde o eu lírico morava na infância, busca fazê-la de maneira bastante poética. Um possível questionamento seria: “O que vocês acham que são palavras de aves?”; “O que seria um lugar imensamente e sem nomeação?”; mais adiante ainda poderia surgir outro questionamento: “O que é usar palavra de primavera? O que vocês acham?”; encontrar palavras inventadas pelo autor (neologismos) ao longo do poema, “joelhos ajoelháveis” ou ainda levá-los a buscar palavras que eles não conheçam com o intuito de ampliar o léxico dos alunos. Momentos assim, além de levar os alunos a uma reflexão, possibilitam-os desnudar o texto, percebendo os jogos de linguagem lúdica construída pelo autor. Afinal, a mediação de um texto literário deve proporcionar uma apreciação estética, possibilitando uma leitura mais completa do texto, ou seja, o mediador deve proporcionar aos participantes estratégias de leitura a fim de ampliar sua aproximação com o texto literário.

Após esse primeiro contato com o texto literário, a ideia seria explorar, juntamente com os alunos, a representação da infância no poema. Para esse segundo momento, seria interessante levá-los a refletir o sentido da palavra infância e questioná-los como eles descrevem a infância apresentada no poema, o que, apesar de proporcionar um bom diálogo, seria interessante pedir para eles escreverem o que eles acham, pensando em usar essa escrita para a construção do texto coletivo no momento final. Nesse ponto, seria importante além de apenas questionar, buscar trechos do poema que descreva *o ser criança* proposto pelo autor, mostrando-os com Manoel desloca o lugar comum, casa ou quintal com brinquedos já existente, e coloca a criança como um ser inventivo, que usa a linguagem, ou seja, o material da poesia, para construir seu espaço de diversão. A língua(gem) aqui não é apenas uma protagonista da poema, não serve apenas para contar uma história, mas ela é a própria história do eu lírico, é por meio dela que ele passa o tempo, que ele faz suas “vadiagens”. É fundamental que essa discussão seja posta em xeque, pois, mesmo que não exista uma preocupação em ensinar a Língua Portuguesa nessa proposta, é interessante proporcionar um vislumbre

da linguagem, e apontar para como ela é trabalhada no poema de modo a resgatar as memórias do eu lírico.

Seguindo adiante, num terceiro momento, o texto literário sai por um instante de cena para apresentação do documentário *Só dez por cento é mentira* (CEZAR, 2008), no entanto, por questões de tempo, não seria necessário, nessa mediação, a apresentação na íntegra do mesmo, pois o foco da proposta seria a relação existente entre ambos no quesito infância. Seria necessário dizer aos alunos que Manoel de Barros, por sempre documentar memórias inventadas (CEZAR, 2008), dificulta o trabalho biográfico e que o documentário seria mais uma antibiografia que uma biografia, se levarmos em conta os argumentos usados por Pedro Cezar (2008) ao afirmar que “quem tenta buscar registro de sua vida ou buscar fatos de sua biografia, sai de mãos vazias”. É interessante apresentar aos alunos o trecho inicial do documentário (7min30seg) em que Pedro questiona Manoel o que seria poesia, proporcionando a eles a visão do poeta a respeito da poesia e observando que sua construção tem mais de “*artesanía*”, nas palavras de Barros, que inspiração, fazendo assim uma comparação com as invenções verbais construídas pelo autor no poema em análise.

Ainda nesse momento, em que apresentamos o documentário, pensamos em fazer uma apreciação de Bernardo, que teria sido amigo do autor na infância e aparece como um personagem do poema *Menino do Mato*. Assim, seria feita a apresentação aos alunos dos trechos do documentário em que Bernardo é “inserido”, buscando uma visão “documental” dele e ampliando o horizonte de expectativa a respeito de Bernardo. Essa apresentação de Bernardo nos levaria então para o quarto momento a ser trabalhado, a relação documentário/ poema. Nesse momento pensamos em destacar algumas falas no documentário a respeito de Bernardo e fazer a comparação com o trecho abaixo retirado do poema que traz em evidência Bernardo:

III

Por modo de nossa vivência ponho por caso Bernardo.

*Bernardo nem sabia que houvera recebido o privilégio
do abandono. [...]*

*Bernardo morava em seu casebre na beira do rio —
moda um ermitão.*

*De manhã, bem cedo, ele pegava de seu regador e ia
regar o rio.*

*Regava o rio, regava o rio.
Depois ele falava para nós que os peixes também
precisam de água para sobreviver. [...]
Bernardo não sabia nem o nome das letras de uma
palavra.
Mas soletrava rãs melhor que mim.
Pelo som dos gorjeios de uma ave ele sabia sua cor.
A manhã fazia glória sobre ele.
Quando eu conheci Bernardo o ermo já fazia
exuberância nele.*

Nesse caso, leríamos o trecho acima novamente, buscando inicialmente questionar se eles perceberam alguma relação entre ambos e em que aspectos; isso poderia ser anotado para que, posteriormente, pudéssemos criar um quadro síntese dessa relação. Em seguida destacaríamos os relatos trazidos no documentário a respeito de Bernardo, a fim de aprofundar os pontos incomuns de ambos. Poderíamos começar com a fala de Pedro Cezar ao afirmar que “De todos os personagens da poesia de Manoel nenhum deles é tão recorrente nem tão enigmático quando Bernardo. Bernardo é o *alterego* do poeta, Bernardo é o que Manoel diz que gostaria de ser” (2008). Esse comentário feito pelo roteirista abriria espaço para a seguinte pergunta: “Será que Bernardo existiu, ou ele é apenas fruto das memórias inventadas de Manoel de Barros?”; o que nos levaria a questionar ainda “Até que ponto nossa memória funciona de modo a reconstruí exatamente o passado e até que ponto ela nos possibilita recriá-lo?”.

Dando continuidade a essa análise, apresentariamos também a fala de Almiro, enteado de Manoel, que fala no documentário sobre Bernardo:

[...] passarinho sentava nele... passarinho ele dava sinal assim, ficava fazendo assim sunbiano e eles vinha, sentava no ombro dele, no braço, na mão dele... vários tipo de passarinho... ele entrava n'água e ficava fazendo assim com os peixe na mão (durante a fala ele faz os gestos, que o mesmo diz ser executados por Bernardo). (CEZAR, 2008)

A partir desse trecho seria reiterado a representação do Bernardo imaginativo e o Bernardo documental. Assim, poderíamos também, encontrar um ponto em comum entre o eu lírico e os alunos, perguntando se a infância representada por Manoel, em algum momento com a deles e se eles conheceram algum “Bernardo” quando criança.

Assim, para encerrarmos essa ocasião, construiríamos um quadro síntese desse momento de discussão, buscando a relação do Bernardo documental, personagem e possíveis amigos dos alunos presentes, caso haja.

Essa última relação poema/documentário nos daria a possibilidade de finalizarmos o trabalho propondo uma produção textual, na qual todos poderiam exprimir seus sentimentos em relação ao sentimento da infância. Desse modo, discutiríamos o seguinte ponto: “O ser criança nos dias de hoje?”; para a construção do texto pediríamos que eles relessem o que eles haviam escrito a respeito da infância apresentada no poema, solicitados no primeiro momento da proposta e verificassem se o pensamento deles ainda permanecia, ou eles haviam mudado de opinião. Após essa reflexão passaríamos para a construção coletiva do texto, nesse ponto é importante que o mediador tenha sensibilidade de atender a todos e de construir um texto coerente que atenda as expectativas dos alunos. Para o encerramento, seria interessante a leitura em voz alta do texto e que fosse possibilitado um momento para os alunos escrever suas impressões a respeito da mediação e do poema, tornando-os assim, parte integrante desse processo crítico reflexivo.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que o trabalho com a leitura literária que por nós vem sendo empreendido no âmbito da Sala de Leitura é de grande valia, uma vez que nos possibilita partir do literário para os eixos de competência para o ensino de língua, versado pelos documentos oficiais, sem compromisso primeiro com a didatização da literatura.

É sintomático para a sociedade uma ação como a apresentada, bem como ações que esta possa a vir inspirar: ações que vejam no texto a possibilidade de formação do leitor crítico reflexivo, tomando a Sala de leitura como partícipe de uma comunidade e, sendo assim, como organismo que participa de uma eco maior, contribuindo para a mudança/a transformação.

Desse modo, a proposta por nós apresentada foi pensada com o intuito de ampliar as ações da Sala de leitura, justificando-se por sua preocupação em possibilitar uma leitura de um texto literário para além dos muros da escola, propiciando um outro espaço para divulgar a literatura.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Menino do Mato**. São Paulo: Leya. 2010.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Edusp. 2000.

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. Ancine: Brasil, 2008.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da Teoria literária à prática escola**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras – UFPE, 2005.

PAZ, Octávio. **O arco e lira**. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Cia das letras, 1999.

_____. **Flores na Escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.